



# Geometrias Inversas: Interfaces entre estratégias e táticas nas manifestações nas cidades<sup>1</sup>

Inverse Geometries: Interfaces between tactics and strategies in protests in the cities

*Frederico Canuto, Professor Adjunto na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, [fredcanuto@gmail.com](mailto:fredcanuto@gmail.com).*

*Nina Lavezzo de Carvalho, Estudante e Bolsista de Iniciação Científica PROBIC/FAPEMIG 02/2014, [ninalavezzodecarvalho@hotmail.com](mailto:ninalavezzodecarvalho@hotmail.com).*

---

<sup>1</sup> O presente artigo se insere dentro da pesquisa "Urbanismo de Guerra: Narrativas das Jornadas de 2013-2014" dentro do edital MCTI/CNPQ 14/2014

## Resumo

A compreensão do espaço socialmente produzido é ressignificada através de processos de ocupação urbana. Através da análise das estratégias e táticas utilizadas tanto por manifestantes quanto policiais durante protestos de grande porte, o presente trabalho inserido dentro da pesquisa “Urbanismo de Guerra: Narrativas do século XXI” procura apontar os meios de luta para manter ou reivindicar o espaço urbano. Desenhos esquemáticos foram produzidos para ilustrar a nova formatação do espaço criado quando métodos de protesto e de repressão acontecem. Nossas referências variam de filmes a livros teóricos e experiências em manifestações, com o intuito de esclarecer a relação direta entre ocupações do espaço público (ou de uso coletivo) e o urbanismo.

**Palavras Chave:** Urbanismo; Jornadas Junho; Estratégias; Táticas; Espaço urbano.

## Abstract

The social space of the cities is constantly reshaped by urban processes of occupation. Analysing strategies and tactics created and implemented by police and protesters during large protests, the present paper intends to point out means of produce the space and spaces of struggle. For this article, part of the research “War Urbanism: Narratives of the XXIst century”, schematic diagrams were made in order to illustrate the new design of the spaces while repression and protests are happening. Our references came from documentaries about protests in Brazil, Ucraina and other countries, monographs produced by police and personal experiences produced while in the protests.

**Keywords/Palabras Clave:** Urbanism, June 2013, Strategies, Tactics, Urban Space

## INTRODUÇÃO

As chamadas Jornadas de Junho de 2013 foram um momento paradigmático para se compreender as cidades brasileiras não apenas pelos que elas são e pelo que podem ser, mas como elas operam, performatizam, produzem identidades, espaços e multidão tendo em vista a repressão policial e protestos populares que sempre estiveram invisíveis ou deslocadas em espaços periféricos.

A cidade de Belo Horizonte e todas as outras no Brasil passaram por uma mudança paradigmática de horizonte do que é uma cidade e o que ela significa. Se a cidade era contada pela literatura festiva e descompromissada com o conflito intrínseco a ela mesma através de narrativas romantizadas pela mídia e cultura do espetáculo em geral como lugar da memória afetiva harmônica, do lazer desinteressado, do trabalho produtivo, do dormir como momento de descanso e improdutividade; com a disputa pela rua visível em 2013, o espaço da cidade se tornou epicentro de uma disputa territorial.

A disputa pelo direito à cidade surge desde o momento em que a cidade tornou-se centro nevrálgico da vida moderna, ao longo do século XIX na Europa e XX no restante do mundo (LEFEBVRE, 2000), sendo que a partir da década de 1950 tornou-se tema recorrente do ponto de vista teórico dentro dos estudos urbanos. Um dos expoentes da discussão, o filósofo francês Henri Lefebvre discutiu e transformou em conceito a idéia "o direito à cidade", sendo que em sua obra homônima de 1965, caracterizou-o como um direito ao excedente, ao excesso, ao que escapa o utilitário. O geógrafo David Harvey, numa releitura do filósofo francês, coloca em livro publicado mais recentemente:

"O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos..." (HARVEY, 2008, p. 74).

Assim, a transformação de "nós mesmos" implícito no conceito de direito a cidade descrito por Harvey acima passa por uma politização da própria questão urbana que, por sua vez, envolve disputas de poder efervescentes entre os diferentes agentes produtores do espaço social. Como Henri Lefebvre e muitos outros estudiosos da vida urbana já discutiram e colocam continuamente em relevo, a gênese da cidade moderna e sua permanência como centro pulsante da vida e da possibilidade de mudança da mesma é produto e movimento de produção de um espaço socialmente vivido baseado no conflito: étnico, racial, de gênero, de classes, econômico, ecológico.

Tomando como ponto de partida o que foi experienciado e exposto nestas Jornadas de Junho de 2013 nas ruas da cidade, debaixo de viadutos, nas periferias, em passeatas e quebra-quebras, tal conflito fica ainda mais explícito, assim como seu conteúdo político. A disputa pela possibilidade de criar outras e diversas vidas que não somente as capitalizadas pelo mercado é centro da disputa: desde barrar o aumento de 20 centavos na passagem de transporte público, mote do Movimento Passe Livre em SP, um dos catalisadores das Jornadas de Junho, até o direito de ocupar livremente o espaço público da cidade, como o fazem a Praia da Estação, movimento popular de ocupação da Praça da Estação em Belo Horizonte de forma a se contrapor a legislação municipal que impede a livre ocupação do mesmo espaço. E no campo da arquitetura e urbanismo

é a capacidade de ocupar e projetar a cidade sem necessariamente recorrer ao desenho prévio e determinista do arquiteto e urbanista que se coloca em questão: o espaço como dado que só pode ser apreendido enquanto socialmente vivido e não como estrutura material inerte. Ou seja, a arquitetura e urbanismo como campo social e não apenas material. Questiona-se, portanto, o discurso que despolitiza e desconsidera o costume ou hábito de ocupação anteriores ou resultados de um desenho funcionalista do espaço. Sem dúvida o desenho urbano influi nas estratégias e táticas de manifestações e ocupação da cidade (HARVEY, 2008, p. 76), provando parte essencial e contingencial para a criação de uma esfera pública ou popular na mesma. Portanto, como coloca o arquiteto Bernard Tschumi ao discutir a relação entre arquitetura e política, concordando inclusive com Harvey e Lefebvre anteriormente citados, se por um lado "a arquitetura [e o urbanismo] é [são], primeira e principalmente, a adaptação do espaço à estrutura econômica existente. Ela[s] serve[m] o poder já instituído"<sup>2</sup> (TSCHUMI, 1996, p. 5), por outro lado "a própria condição urbana pode ser o meio de acelerar mudanças sociais"<sup>3</sup> (TSCHUMI, 1996, p. 7).

O cerne das Jornadas de junho foi justamente a discussão da vida cotidiana, a contraposição ao desenho renderizado das imagens publicitárias. A cidade imaginada e transformada, por sua vez, em uma realidade de espaços a serem socialmente vividos na cidade ao se tomar um ônibus para ir de ponto A até B pagando-se 20 centavos a menos ou gratuitamente. Independente da qualidade dos espaços ou mesmos dos projetos, o que se assistiu nas ocupações da avenida Antônio Carlos, praça da Estação e outros espaços da cidade de Belo Horizonte e mesmo no Brasil foi a população tomando para si o poder de redesenhar o espaço, planejando e gerenciando sua ocupação através de seus corpos coletivos e/ou outros materiais, produzindo outros e novos espaços: efêmeros e permanentes. São desenhos de arquitetura não-representativos, mas vividos. Desenhos negociados e conquistados por aqueles que vivem no espaço.

Para a implementação de políticas públicas condizentes com o que ocorre cotidianamente no espaço vivido da cidade, torna-se necessário, desde que a cidade se tornou centro da vida moderna no século XIX, perceber as ações cotidianas de grupos desprivilegiados, os acontecimentos no espaço coletivo e as intervenções e invenções espaciais na cidade não como erros, exceções ou ainda curiosidades, apartadas de uma abordagem arquitetônica e/ou urbanística, mas sim como novos modos de produzir um desenho de arquitetura e urbanismo *in loco*. É a compreensão de um desenho compartilhado criado pela colaboração, pelo fazer, pelo planejamento coletivo e não centrado num poder indiretamente representativo como plantas, cortes e fachadas, que fazem o arquiteto e urbanista distanciarem-se da realidade, transformando-a em representação cartográfica ilusionista. A compreensão de desenho urbano transforma-se, então, de forma de composição espacial que racionaliza, organiza e funcionaliza o espaço, para um processo que agencia e distribui poderes sobre o espaço, transformando o território em lugar ocupável e negociável pelos interessados. Este é o horizonte que se vislumbrou nessa pesquisa. Desenho não como organizador produtivo do território, mas instrumento de autonomização individual e coletiva.

Interessou-nos aqui mapear estas novas formas de se desenhar pelas ações, pelos corpos que ocupam, territórios, esferas públicas, espaços coletivos, entre outros. Estas têm a capacidade de rever as formas de projetar o espaço por aqueles que detém o poder e por aqueles que querem reorganizar estas mesmas relações de poder. "O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os

---

<sup>2</sup> Tradução livre de: "... architecture was, first and foremost, the adaptation of space to the existing socioeconomic structure. It would serve the powers in place..." (TSCHUMI, 1996, p. 5).

<sup>3</sup> Tradução livre de: "... the urban condition itself could be a means to accelerate social change" (TSCHUMI, 1996, p. 7).

indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários"(FOUCAULT, 2010, p. 26), inclusive através da construção espacial.

Desta forma, o desenho que pesquisamos será aquele gestado e produzido numa escala menor, microscópica segundo o geógrafo Rogério Haesbert (2014, p.162): "(...) micro, de microfísica, afirma Deleuze, deve ser visto como (...) um outro domínio, um novo tipo de relações, uma dimensão de pensamento irredutível ao saber, de ligações móveis e não localizáveis". Portanto, são diagramas esquemáticos das várias situações encontradas nas batalhas pelo direito à cidade, que em seus contextos político-espaciais criaram novas percepções sensoriais, ressignificando espaços coletivos.

Visto que a forma urbana só se define pelo uso dela, para cartografar tais desenhos-agenciamentos é necessário ver tais desenhos em ação. Logo, mais do que a desmontagem destas modalidades organizacionais em pessoas e materiais, é necessário vê-las sendo vividas. Portanto, narrar torna-se um esforço empreendido aqui para catalogar ou produzir não apenas uma historiografia das manifestações, mas um modo de ver em movimento os fluxos e contra-fluxos dentro e a partir das Jornadas de 2013. Mais do que a pretensão de uma explicação científica e distante, objetivando inserir num campo disciplinar o que ocorreu e ocorre, pretendemos através da presente pesquisa expor e produzir narrativas que exponham modos de agenciar ocupações e usos da cidade quando dos protestos e manifestações.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa se baseou em cinco eixos principais inter-relacionados: 1) assistir, discutir, mapear e cartografar a partir de filmagens documentais relacionados a manifestações e/ou ocupações os modos como estes apropriam-se do meio urbano para reivindicar determinadas agendas relacionadas ao direito a cidade; 2) registrar na forma de desenhos esquemáticos e *storyboards* as estratégias e táticas utilizadas tanto por manifestantes quanto por policiais nas manifestações e ocupações pesquisadas a fim de mostrar o espaço vivido como produto social; 3) pesquisar em bibliografia adequada as relações entre polícia, urbanismo, uso do espaço urbano, guerra e protestos; 4) entrevistar membros participantes de manifestações/ocupações urbanas e a polícia militar; 5) acompanhar as manifestações pelas redes sociais (facebook e twitter). Através desses eixos buscou-se documentar como o espaço urbano foi utilizado em momentos de conflito e como o conflito em si alterou as dinâmicas do espaço urbano.

Primeiramente, a escolha pelo uso imagens documentais – que abrange desde filmes documentários até vídeos produzidos por celulares e câmeras portáteis no calor dos acontecimentos sem qualquer edição - se deu pelo fato deste material ser um forte instrumento para o estudo das circunstâncias nas quais determinadas situações se desenrolaram, assim como pelo fato da relação entre forma e função em termos de arquitetura e urbanismo, e consequentemente espaço, só pode ser compreendido se este mesmo espaço o for em termos de socialmente vivido. Assim, tais imagens, mais do que testemunho das condições, foram instrumentos que permitiram perceber modos de operar quando da ocupação dos espaços.

Utilizando imagens documentais como bibliografia portanto, para analisar os movimentos no espaço em outros países durante as manifestações, desenhos ficaram claros. Assim, as cenas de ocupação urbana foram transformadas em esquemas e diagramas que mostram as táticas e



estratégias utilizadas pela polícia contra os manifestantes e pelos manifestantes contra a polícia e a favor da ocupação dos espaços. Os filmes documentários analisados foram: *Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom*, de Evgeny Afineevsky, acerca dos conflitos de 2014 em Kiev, na Ucrânia; *Uprising*, de Fredrik Stanton, documentando as manifestações de 2011 no Cairo, Egito, que foram parte importante da chamada Primavera Árabe; e, finalmente, *Junho: o mês que abalou o Brasil*, de João Vainer, retratando as manifestações de junho de 2013 no Brasil, principalmente em São Paulo. Também foi usado como base para tal produção as imagens documentais obtidas junto ao cineasta Daniel Carneiro no arquivo chamado *Os Brutos*. Tal empreendimento cinematográfico visual é uma mostra não organizada mas recolhida de vídeos sem edição e sem cortes produzidos durante as manifestações de 2013 por pessoas comuns. Tal obra foi de extrema ajuda porque mostrou a partir da perspectiva dos manifestantes e de dentro das próprias manifestações, modos de operar, de ocupar e de organizar.

Já as referências bibliográficas lidas colocam em evidência a relação entre polícia e a guerra urbana como questões relacionadas à cidade e ao seu planejamento. Utilizando desde obras de filosofia até monografias produzidas pela própria polícia militar e exército, totalmente imbrincados e referenciados entre si, os livros escolhidos usados para guiar a pesquisa se basearam num olhar sobre a relação entre espaço vivido e política. Sendo assim *Em Defesa da Sociedade* do filósofo francês Michel Foucault é central porque coloca como a relação conflitante da política moderna tem consequências espaciais, especialmente se vistas a partir do prisma da guerra que, para o pensador, é característica básica da sociedade atual do controle. *Architecture and Disjunction* do arquiteto franco-americano Bernard Tschumi é importante e paradigmático dentro do campo da arquitetura e urbanismo pois abre pontes de contato entre a filosofia política de Foucault e a teoria do espaço vivido a partir de seu uso e programa arquitetônico. Finalmente, o livro "A Invenção do Cotidiano - Vol. I do antropólogo francês Michel de Certeau, expõe os principais conceitos utilizados na pesquisa para compreensão dos modos de operar tendo em vista um olhar politizado e cotidiano sobre a cidade: estratégia e tática.

Ao mesmo tempo, foi imprescindível ler com os olhos da polícia estes mesmos espaços. Por isso, os cadernos doutrinários da Polícia Militar de Minas Gerais foram centrais porque ensinam as práticas policiais básicas, sendo usadas conseqüentemente como balizas conceituais e espaço-organizacionais básicas para a produção dos diagramas e textos. Entretanto, é preciso marcar que estes cadernos não acrescentam muito a discussão tendo em vista que as estratégias e táticas militares brasileiras para contenção de turbas e protestos não se diferem tanto do que sempre ocorreu em outros países assim como em outras épocas, notadamente, durante a ditadura militar brasileira. O uso de gás lacrimogêneo, por exemplo, como elemento para dispersão conta ainda como principal meio de desarticulação de grandes contingentes de manifestantes segundo tais documentos.

Ainda sim, é essencial as leituras contemporâneas sobre a polícia e o exército como forças políticas e seus modos de operar. Por isso, as leituras do arquiteto israelense radicado em Londres, Eyal Weizman, foram tão interessantes para o presente estudo. Ao discutir como a idéia de destruição inteligente criada pelo exército isaraelense propõe um novo modo de guerra civil por uma estratégia-tática chamada **geometria inversa**, o que o autor faz é justamente jogar luz a operações militares que hoje se reproduzem em menor escala e de outras formas nas cidades e contra os protestos (WEIZMAN, 2012). A geometria inversa funciona da seguinte forma: ao invés de mover-se no território por ruas e avenidas e dar ao inimigo a vantagem deste saber por onde o exército está a se mover, o exército derruba paredes e muros, invade casas, criando novas passagens, reescrevendo a morfologia urbana e usando desta novas situação para surpreender inimigos. Ainda que seja outro o contexto, esta idéia de invasão de territórios privados acaba

desembocando em estratégias mais ardilosas e menos espetaculares para se manter o controle do espaço da cidade.

E uma última referência bibliográfica central para tal pesquisa é um catálogo feito a partir das artesanias construtivas de resistência a repressão policial produzidas durante os embates entre polícia e manifestantes pela posse do Parque Gezi, na Turquia, em 2011: <http://occupygeziarchitecture.tumblr.com/>. Ao transformar imagens fotográficas documentais de espaços destruídos, bancas de revista e pontos de ônibus transformadas em barricadas, bancos feitos de pedaços de madeira em desenhos produzidos pelo software AutoCad, o que se fez foi justamente reorganizar a relação desenho e realidade construída. Se o desenho precede normalmente a construção, o que pressupõe que o projeto é previsão certa e infalível do que será construído, ao inverter esta ordem o que se aponta é o contrário, a realidade artesanal, construída no calor do acontecimento é o novo desenho. E este novo desenho é o que deve ser aprendido pela arquitetura: como os modos e maneiras de fazer o próprio espaço autonomamente podem apontar para novos modos de habitar.

No caso das entrevistas, estas têm o intuito de 1) acessar informações sobre os modos de operar e mover pelo território; 2) comparar o que é divulgado publicamente e o que é afirmado por quem participa da ação; 3) entender os objetivos dos indivíduos durante o processo de transformação do espaço social do qual são agentes.

No caso da polícia, foi de interesse não procurar discursos advindos do comando da polícia militar pois estes normalmente são pouco descritivos, pouco informam e normalmente não são abertos ao diálogo. Ao se tentar conversar com policiais separadamente, houve uma resistência em discutir as manifestações ocorridas. Obviamente que isso era esperado uma vez que ser entrevistado e ceder informações que são para serem compartilhadas em círculos exclusivos de militares e policiais não seriam dadas. No entanto, ainda que entrevistas não ocorressem, o que supriu tal vazio discursivo foram as leituras de monografias da polícia militar que expunham facetas já reconhecidas.

Já que no que diz respeito a manifestantes, este se mostraram bastante abertos a entrevistas e os dados obtidos daí estão ao longo do restante do texto.

E finalmente sobre o acompanhamento de manifestações e protestos através das redes sociais, a saber, facebook e twitter especialmente, este foi feito não quantitativamente, mas qualitativamente porque o que estava a procura são as maneiras como as redes sociais estando no espaço virtual das redes telemáticas influem diretamente no espaço socialmente vivido das ruas nas cidades. O que se procurou fazer neste caso foi pensar qual a relação entre dois modos de olhar específicos, o olhar do manifestante e o olhar militar que vê toda a situação. Ainda que estes conceitos serão discutidos com maior vagar posteriormente, a estratégia e a tática, no que tange as lutas e disputas territoriais, como tal troca de informações no espaço virtual toca e influencia radicalmente o espaço real dos corpos manifestantes é o objetivo.

### **3. OPERAÇÕES**

A partir de tal metodologia, foram percebidas uma série de modos de operar no territórios comuns aos contextos egípcio, turco, ucraniano e brasileiro. Alguns deles são:

#### **3.1. ESTRABISMOS**

Durante a decupagem dos documentários e das narrativas dadas pelos manifestantes em forma de desenhos esquemáticos e *storyboards*, foram produzidos diagramas das operações postas em marcha nos enfrentamentos para ocupação do espaço urbanos retratados. Com isso, foi possível entrever não apenas paralelismos entre situações aparentemente distantes do ponto de vista geográfico (Parque Gezi na Turquia, Praça Tahir no Cairo, avenida Antonio Carlos em Belo Horizonte), mas apontar mundos que se aproximam pelo desenho e pelo desejo de ocupar um lugar na cidade. Foi possível entrever por estas imagens tanto a influência entre tais espaços distantes uns dos outros, como também o modo operacional de funcionamento da própria forma protesto.

A partir do antropólogo Michel de Certeau em sua obra mais conhecida *A Invenção do Cotidiano*, dois conceitos de fácil assimilação, entendimento e separação foram usados para pensar esse desenho-agenciamento: estratégia e tática.

Estratégia segundo o antropólogo é:

"... o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças: os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc" (CERTEAU, 2007, p.46).

Portanto, estratégia para o autor, é caracterizado pela: racionalização (pois calcula e mede forças em conflito), definição dos atores e objetivos (sujeito de querer e poder que pode ser pensado isoladamente), definição de um lugar de onde se olha isoladamente (lugar circunscrito e próprio), gerenciamento de uma situação (de alvos e ameaças que colocam em xeque sua posição distante). Assim, a estratégia para o antropólogo francês se aproxima de um olhar militar, de um olhar abrangente, distante e que recebe os movimentos no território como peças no tabuleiro.

Já tática seria:

"... a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. (...) é movimento 'dentro do campo de visão do inimigo' [...] não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável" (CERTEAU, 2007, p. 100).

A tática é um movimento (ação) que ocorre estando na situação de interesse (por isso, uma ausência de um lugar próprio e mesmo de autonomia). Depende de fatores externos a si (por isso joga com o outro), num terreno imposto e organizado por outrem. E uma ação que ocorre no campo do inimigo, aquele estrategicamente localizado distante e circunscrito numa situação própria e estratégica. O adversário não é absorvido pela racionalidade, mas um irredutível.

Sendo a estratégia o olhar distante e racionalizador e a tática o olhar próximo e implicado corporalmente, tem-se dois movimentos que contemporaneamente são complementares pelo uso da redes sociais e pela troca de informações em tempo real. Tanto a polícia quanto os manifestantes movimentam-se estrabicamente, porque corporalmente pelas ruas e também com uma visão centrada no olhar racionalizador das ferramentas de informação. Eyal Weizman (2012,



2014) em sua leitura do modo como o exército israelense utiliza de informações em tempo real para se mover nos territórios urbanos da faixa de Gaza mostra como o exército ao atravessar paredes e invadir espaços domésticos – o **enxame** – ele tem olhos ao nível do solo e num satélite. O soldado se move vendo o que está a frente e auxiliado por informação satélite online, num olhar estrábico porque vê de dentro o dentro e de fora pra dentro.

O mesmo ocorre com manifestantes. Utilizando facebook e twitter como ferramentas de compartilhamento de produção de vídeos feitos no momento do protesto com celulares e câmeras portáteis, garantem testemunhos que vão ajudar, num segundo momento, a produzir discursos de verdade: transgressões da polícia pela violência, como feito pelos vídeos d'*Os Brutos* recolhidos por Daniel Carneiro. O que fazem é se mover pelo território olhando a frente quem lhe impede; se movem pelo tecido alisado da cidade usando ferramentas de georreferenciamento como googlemaps, serviços de mensagem como whatsapp e frequências de rádio para saberem para onde ir tendo em vista o movimento da própria manifestação. Nos filmes *Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom*, *The Square* e *Uprising* cenas mostram como os manifestantes se organizam em centrais de informações que informam a todos nas ocupações por rádio ou mensagens. E mesmo em *Junho. O mês que não acabou* tal modo de operar se repete pelos celulares sendo usados como armas a frente de policiais, captando imagens e informando manifestantes.

### 3.2. PANOPTICOS URBANOS E IMAGENS ESTATÍSTICAS

Topos de morros, colinas, montanhas, torres, edifícios, viadutos, topos de edifícios e pontes são espaços estratégicos de vantagem, que permitem a quem os ocupa maior controle da situação. O princípio básico militar é sempre ocupar lugares de altura relevante em relação ao contexto porque deles se tem uma visão total do território.

Nos protestos ucranianos de 2013-2014, registrados no filme *Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom*, a Berkut (semelhante à tropa de choque no Brasil) usou sempre que possível da vantagem pelo espaço. Posicionou-se no topo de escadas que acabavam nas áreas de manifestação e em pontes e elevados ao redor, assumindo posições melhores para atirar e defender-se. Mais adiante no conflito, a Berkut posicionou-se no topo de prédios atirando e jogando tijolos: "*não tinham misericórdia*", disseram manifestantes.

Na revolução egípcia de 2011, documentada em *Uprising*, logo de início, nos protestos após o assassinato de Khaled Said, os policiais se posicionam na parte alta da praça do Palácio Presidencial (cerca de um metro e meio a mais, em relação ao chão). Mais à frente, apareceram oficiais ocupando elevados e ponte, defendendo sua posição e atirando dali: "*Ou vamos destruí-los ou eles vão embora*", afirmavam manifestantes. O uso de tanques também permitiu a vantagem por altura, especialmente benéfica para a mira, neste caso. Em determinado ponto, foram colocados snipers em cima dos prédios nas saídas da Praça Tahrir: "*tem uma linha vermelha, se alguém cruzar, vão atirar na cabeça dela*".

Ao mesmo tempo, uma outra disputa a partir do olhar panoptico não de morros, montanha ou edifícios estava em disputa: o olhar das imagens de helicóptero, das imagens satélites, das imagens "de cima". Ainda que estas imagens tenham sido exploradas em outras ocasiões (CANUTO 2015, 2016), no recorte aqui em desenvolvimento, a disputa pelas imagens é outra: a disputa é pelo efeito estético discurso produzido por este olhar. A cada boletim jornalístico televisionado ou notícia no jornal impresso ou ainda pelos posts do facebook e micro mensagens

no twitter, o que estava em disputa é, desde pouco depois do acontecimento, a memória sobre o mesmo assim como sua validade enquanto testemunho do evento.

A cada divergência sobre o número de manifestantes nas Jornadas de Junho de 2013 – e que pode-se pensar também para qualquer outro tipo de protesto desde então no Brasil, especificamente – fica patente a disputa entre o governo e os manifestantes. O Estado faz tudo ao seu alcance para menosprezar o número de pessoas nos protestos a fim de causar como efeito estético o desprezo por aqueles na rua. Por outro lado, os manifestantes superestimam este mesmo número como mote para fazer imaginar que uma pessoa “pode fazer a diferença”. Independente da correção dos números, o que está em causa é a força do testemunho daquele presente na rua. Como coloca Andrew Herscher (2011) em seu estudo sobre as imagens aéreas e seu papel na descoberta de crimes de guerra no contexto de guerras ocorridas no conflito Israel – Palestina, as imagens aéreas muitas vezes acabam por tirar o poder de verdade e autoridade dos testemunhos dados por aqueles que estavam nos locais durante acontecimentos. A racionalidade técnica obtida com a imagem aérea sobrepuja o testemunho sensível dos corpos.

### 3.3. DEADLOCK

Essa tática consiste em colocar-se em volta do alvo, retirando-lhe as alternativas de fuga. O confronto está necessariamente vinculado a essa prática, pois o propósito pode ser somente impedir que a manifestação fique maior ou que recebam determinados suprimentos (nesse sentido, tem uma função semelhante aos obstáculos). Porém, pode também ser associada ao confronto tendo em vista uma estratégia mais complexa.

Na maioria das manifestações, essa tática é usada para limitar as possibilidades de caminho dos manifestantes, induzindo-os a um caminho ou a outro. Assim como também é muito comum o cercar manifestantes que estão sozinhos.

Em *Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom*, a manifestação se concentrava na praça Maidan, a Praça da Independência de Kiev. A Berkut, polícia de Kiev, cercou a praça, impedindo tanto a entrada de mais manifestantes quanto a saída de quem estava na praça. O cerco policial ia fechando-se e quem tentava fugir era espancado com cassetetes (inclusive de ferro). A seguir, os policiais que estavam mais na frente utilizaram de escudos para empurrar quem estava mais na ponta, pressionando-os e espancando-os. Nesse caso, portanto, o cercar era parte de uma estratégia maior que impedia a saída de qualquer manifestante, a não ser que passasse por espancamentos ou outras dificuldades.

Nas Jornadas de Junho, no Brasil, retratadas no filme *Junho: O mês que parou o Brasil*, a tática é usada contra manifestantes que estão sozinhos. Nesse caso, juntam-se muitos policiais contra apenas uma pessoa com o intuito de repreendê-las agressivamente, retê-las e direcionar à delegacia ou fichá-las. O mesmo ocorre em *Uprising*: muitos policiais apreendem uma única pessoa. O intuito é agredir e apreender os manifestantes que foram pegos.

Como as manifestações em Cairo ocuparam a Praça Tahrir (Praça da Liberdade), os policiais egípcios também tentaram utilizar a tática como descrita na Praça Maidan, em Kiev: cercar a praça, impedindo a saída dos manifestantes e repreendendo-os sob o cerco. Contudo, a tentativa foi falha: 1) quando os manifestantes foram capazes de expulsar os policiais da praça; 2) quando eles perceberam a tentativa e fugiram antes que o cercamento circular estivesse completo; 3) quando o bloqueio policial era pequeno em comparação com o tamanho da manifestação, fazendo

os policiais, depois de insistência e resistência “pacífica” (sem agressão física) de ambos os lados, abrirem caminho nas ruas.

A polícia egípcia usou o cercar também com o intuito de proteger determinados espaços, prevenindo sua invasão. Foi o caso da primeira manifestação que ia em direção ao Palácio Presidencial. Cercaram o próprio palácio com policiais armados, desarmados e com escudos e com tanques, todos apontados aos manifestantes com a intenção de formar uma barreira coercitiva.

### 3.4. CAMPINGS E NON-CAMPINGS

Nas manifestações na Ucrânia, no Parque Gezi e Praça Tahir no Egito, os protestos acabaram se tornando ocupações que se estenderam por semanas e meses. Nestes, infra-estruturas foram erigidas para resistir ao longo tempo ali. Posto médicos, central de comunicações, oficina de produção de material, cozinha comunitária entre outros assim como barricadas e barreiras contra a entrada da polícia foram construídas a partir de barracas de campings e usando como suporte estruturas existentes como mobiliários urbanos (bancos, ponto de ônibus). No site #Occupygezi Architecture (2016) há uma mostra de tais espaços construídos no Parque Gezi na Turquia indo desde barracas até dormitórios, sempre fazendo um uso misto de infraestrutura do local e barracas improvisadas.

As praças e parques, espaços públicos, tornam-se espaços habitados e reprogramados para a permanência da população. Espaços escolhidos pela notoriedade contingencial: o parque Gezi que seria transformado num shopping center; a praça Tahir que até então era simplesmente uma rotatória pra veículos; praças próximas a câmara de representantes da Ucrânia. Embriões de novos modos de planejar e gerenciar os espaços da cidade onde assembleias gerais, grupos de trabalho, horizontalidade na tomada de decisões tornam-se novos espaços representativos e de decisão direta sobre o espaço.

Não é coincidência que as manifestações nas cidades brasileiras partam de um mesmo princípio espacial: atingir diretamente seja os centros de poder como na Ucrânia – como ocorre nos últimos dias de novembro e dezembro de 2016 com manifestações contra a PEC55 na esplanada dos ministérios, em Brasília, a frente do Congresso Nacional ou em 2013, quando invadiram a laje superior do edifício do congresso nacional – ou espaços onde o poder difuso é experimentado cotidianamente. Ocupando praças como a praça Sete de Setembro e Praça da Estação em Belo Horizonte tal como os egípcios no Cairo e importantes avenidas de circulação na cidade como a avenida Paulista em São Paulo e Antônio Carlos em Belo Horizonte, o objetivo é paalisar a cidade, ganhar visibilidade. Ainda que sejam passeatas e não acampamento mais permanentes como na Turquia e Egito, tem um mesmo horizonte de expectativa: promover um pequeno movimento de mudança pela ocupação e redesenho do espaço.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa em andamento, procuramos recuperar uma das linhas de pesquisa propostas por Foucault em seu curso no Collège de France: o poder como o que reprime os corpos e que usa o espaço como estratégia de dominação (FOUCAULT, 2010, p.15, 17, 39). "É preciso estudar o poder fora do modelo do Leviatã, fora do campo delimitado pela soberania jurídica e pela instituição do Estado; trata-se de analisá-lo a partir das técnicas e táticas de dominação" (FOUCAULT, 2010, p.30). Através da busca por "como as coisas acontecem no momento mesmo, no nível, na altura do procedimento de sujeição, ou nesses processos contínuos e ininterruptos

que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos" (FOUCAULT, 2010, p.25), produzimos desenhos esquemáticos da transformação espacial durante o conflito e durante o cotidiano.

No entanto, há que se colocar as dificuldades de um empreendimento deste tipo, que vão desde a enormidade de fontes fotográficas e videográficas até o aquecimento do mercado editorial relacionado ao evento Jornadas de Junho de 2013. Tais manifestações foram uma novidade no cotidiano brasileiro que, antes sempre pouco documentadas ou estudadas, agora abrem-se para uma pluralidade de discussões, debates e análises publicados tanto por pessoas comuns e estudiosos, *de fora e de longe* assim como *de perto e de dentro* (usando aqui termos da etnografia urbana). Devido à pluralidade de diferentes modos de apreensão da realidade torna-se um trabalho complexo - se não impossível - abarcar todos os mundos expressos em cada uma das narrativas. Ainda que tenha sido produzida uma diversidade de livros sobre as Jornadas de Junho de 2013, nenhum deles se deteve às manifestações do ponto de vista da ocupação urbana *in loco* ou a partir de uma perspectiva arquitetônica e/ou geográfica, expondo como lugares foram ocupados, o porquê da escolha de certos espaços em detrimento de outros (por que uma avenida e não uma rua? Por que pouco foi falado sobre manifestações na periferia da cidade de BH?) e a relação entre forma e uso dos espaços antes e durante manifestações. Nossa pesquisa busca um viés sócio-espacial de perto e de dentro, afastando-se da tendência da maioria dos autores sobre o tema em tecer considerações a partir de uma categoria sócio-política, e focando na retratação e análise do que ocorreu.

Ao mesmo tempo, há de se sublinhar a descoberta de uma rarefeita bibliografia sobre os modos militares de ocupação da cidade, a qual funciona como base do conhecimento e de práticas policiais no Brasil quando do tema da cidade e a supressão de movimentos sociais e manifestações. Ainda que seja (in)compreensível que a polícia não torne transparente, visível e de acesso público seus modos de operar e suprimir num contexto desigual e violento como o brasileiro, as barreiras à informação parecem afirmar que para a polícia fazer pesquisa é "coisa de inimigo". Reforça-se tal desconhecimento e desconfiança pois não podendo o pesquisador ter informações sobre os protocolos internos a corporação, acaba que pode-se apenas desconfiar que tais protocolos ou são confidenciais ou apenas passados oralmente.

Mesmo limitando-se ao material videográfico, este é produzido em excesso, como prova a proliferação de vídeos documentais de manifestações e ações policiais na internet pelas redes sociais e outras plataformas de compartilhamento de grande volume de dados. O auge desse tipo de produção é o grupo Mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), cuja epígrafe relembra o caráter comunitário e explosivo da produção de imagens: "todos são NINJA". Escolheu-se trabalhar com narrativas mais tradicionais, com teor documentarista, por serem menos fragmentárias e com uma estrutura visível mais bem composta. Dessa forma foi possível uma maior clareza dos movimentos, estratégias e táticas perpetradas por cada um dos grupos envolvidos. Reiteramos, porém, que os vídeos mais caseiros e amadores tem um potencial imagético cuja força e experiência estética está ainda para ser estudado por outros pesquisadores em diferentes e outros campos disciplinares.

## REFERÊNCIAS

**Brutos.** Direção: Daniel Carneiro (org.). Beo Horizonte, 2013.

CANCADO, Wellington, MARQUEZ, Renata, ANDRES, Roberto, REGALDO, Fernanda, SCOVINO, Felipe. **Escavar o Futuro**. Belo Horizonte: Fundação Clóvia Salgado, 2014.

CANUTO, Frederico. Urbanismo de Guerra: Silêncios e ruídos das Imagens. **Cadernos Benjaminianos**. N. 10, 2015.

CANUTO, Frederico. IN: FREITAS, Verlaine, COSTA, Rachel, PAZETTO, Debora.. **O Trágico, o sublime a melancolia**. Belo Horizonte: ABRE – Associação Brasileira de estética, 2016.

CARVALHO, Nina Lavezzo de. **Cercar**. COMBATE - 26/02/2016. Disponível em: <https://dapolicia.wordpress.com/2016/02/26/cercar/>. Acesso: 29/02/2016.

CARVALHO, Nina Lavezzo de. **Invadir**. COMBATE - 26/02/2016. Disponível em: <https://dapolicia.wordpress.com/2016/02/26/invadir/>. Acesso: 29/02/2016.

CARVALHO, Nina Lavezzo de. **Vantagem pela Altura**. COMBATE - 20/01/2016. Disponível em: <https://dapolicia.wordpress.com/2016/01/20/vantagem-pela-altura/>. Acesso: 29/02/2016.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano. 1. Artes de fazer**. 22ª edição. Editora Vozes, Petrópolis, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975 - 1976). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HAESBERT, R. **Viver no Limite**. Território e Multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Lutas Sociais, São Paulo, n. 29, p. 73-89. 2012.

HERSCHER, Andrew. From target to witness: Architecture , Satellite Surveillance, Human Rights. IN: KENZARI, Bechir. (ed.) **Architecture and Violence**. Barcelona: Actar, 2011.

JASPER, James M. **Protesto. Uma introdução aos Movimentos Sociais**. São Paulo: Jorge Zahar, 2016.

**JUNHO: o mês que abalou o Brasil**. Direção: João Vainer. TV Folha, 2014. São Paulo, Brasil. 1h12min.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito a Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

**#OccupyGezi Architecture**. Disponível em: <http://occupygeziarchitecture.tumblr.com/>. Acesso em 29/09/2016.

NUNES, Rodrigo. **Organization of the Organizationless: Collective action after Networks**. Mute, 2014.

**The Architecture of Violence**. Rebel Architecture. Direção: Woody James. Filmagem: Ana Naomi de Souza. Al Jazeera English, 2014. 25min.

**The Square.** Direção: Jehane Noujaim. Noujaim Films, Worldview Entreteniment, Roast Beef Productions. Egito, Estados Unidos e Reino Unido, 2013. 1h48min.

TSCHUMI, Bernard. **Architecture of Disjunction.** MIT Press :Cambridge, 1996.

**Uprising.** Direção: Fredrik Stanton. Rebellion Films, Estados Unidos, 2012. 1h25min.

WEIZMAN, Eyal. **Através de Los Muros. Como ele ejército israeli se apropió de la teoria critica postmoderna y reinvento la guerra urbana.** Madrid: Verso, 2012.

**Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom.** Direção: Evgeny Afineevsky. Afineevsky - Tolmor Production, Campbell Grobman Films, Netflix. Estados Unidos, Reino Unido e Ucrânia, 2015. 1h42min.